

Acontecimento e rotina na figurativização da forma de vida da “adolescente descolada”, presente na revista “Atrevida”

Amanda Cristina Martins Raiz *

Edna Maria Fernandes Dos Santos Nascimento **

Resumo: Para Greimas (2002), o sentido se concretiza pela mudança de ritmo ou por uma oscilação construída na linearidade da linguagem. O estranho e o inesperado, ao serem considerados como acontecimentos que estremeçam a prática costumeira de uma vida em percurso, adentram, dessa forma, o campo de estudos da semiótica francesa. O assunto também foi discutido posteriormente por Zilberberg (2006b), com o advento da semiótica tensiva, que entende que a apreensão de um acontecimento se dá pelo sobrevir. Além disso, segundo as observações de Greimas (2002), para a semiótica, uma forma de vida caracteriza maneiras pelas quais os indivíduos sentem e exprimem sua compreensão de existência por meio de jeitos de fazer, de ser, de organizar o espaço em que vivem etc. Diante desses pressupostos teóricos, analisamos a matéria “Eu pego, mas não me apego”, presente em “Atrevida”, revista direcionada ao público feminino cuja faixa etária é de 15 a 19 anos, e discutimos o modo como o enunciador configurou o simulacro do ator “adolescente descolada”. Percebemos que o enunciador fez uso de estratégias verbais e, assim, discursiviza a ideia de um comportamento que, no nível da manifestação, parece transgressor, algo que pode ser caracterizado como um acontecimento. No entanto, notamos a presença de marcas textuais implícitas que viabilizam o resgate de um discurso que ronda o imaginário social, sendo que, no nível da imanência, tal discurso se refere ao comportamento feminino tradicional e caracteriza uma rotina.

Palavras-chave: semiótica tensiva, rotina e acontecimento, adolescente descolada, formas de vida, revista “atrevida”

1. Questões em torno do sentido: ramificações que edificam uma só semiótica

Ainda que tenha se ramificado, a semiótica greimasiana é uma só semiótica. Seja qual for a denominação dada, semiótica das paixões, semiótica tensiva, semiótica discursiva, sociossemiótica etc., no momento em que se tem a significação como objeto de estudo e utilize-se como fonte metodológica o modelo do percurso gerativo de sentido, isso corresponde ao desenvolvimento do ponto de vista greimasiano.

Pode-se dizer, então, que o construto teórico da semiótica francesa compõe um cabedal de conhecimentos, em face de seu propósito, ou seja, “explicitar, sob forma de construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do sentido” (Greimas&Courtes, 2008, p.455). Greimas e Courtés

(2008, p. 456) afirmaram que o sentido é uma propriedade comum a todas as semióticas, porém não há como definir o seu conceito.

Sobre o sentido, Fontanille (2001, p. 31) adota uma posição fenomenológica e discorre que, em primeiro lugar, ele é uma direção, pois quando se diz que um objeto ou uma situação são dotados de um sentido, isso quer dizer que eles tendem a algo, por exemplo, “um texto pode tender a sua própria coerência e é isso que nos faz compreender o seu sentido; ou, ainda, uma forma qualquer pode tender a uma forma típica já conhecida e é isso que nos permitirá atribuir-lhe sentido” (Fontanille, 2007, p. 31). Então, “o sentido designa um efeito de direção e de tensão mais ou menos conhecível, produzido por um objeto, uma prática ou uma situação quaisquer” (Fontanille, 2007, p. 31).

Apesar da dificuldade de conceituar o sentido, ele pode ser considerado uma matéria amorfa, cuja na-

* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita - Faculdade de Ciências e Letras (UNESP-FCLAR). Endereço para correspondência: { amanda_raiz99@yahoo.com.br }.

** Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita - Faculdade de Ciências e Letras (UNESP-FCLAR). Endereço para correspondência: { edna.fernandes@uol.com.br }.

tureza pode ser física, psicológica, social ou cultural, e é objeto do qual a semiótica se propõe a organizar e tornar inteligível, como bem observa Fontanille (2007, p. 31).

A semiótica greimasiana é uma teoria da significação, cujo intuito se funda na busca para desvendar os mecanismos de construção e apreensão do sentido nos mais diversos tipos de texto. Essa teoria parte do pressuposto de que os discursos são redes de relações, sendo que ali o sentido é gerado. Isso quer dizer que o sentido não se encontra no signo, mas sim nessas relações que ele institui com outros signos, dentro dos textos. Não fosse só uma teoria da significação, a semiótica francesa é ainda uma metodologia que se dedica à análise de textos, de modo que a concepção de texto para a semiótica não se restringe às manifestações verbais, mas também abarca aquelas que são expressas por outras linguagens.

No princípio dos estudos greimasianos, as análises dos textos se centravam em programas narrativos que concretizavam a busca de um objeto de valor por um sujeito. No entanto, mais tarde, a complexidade do sujeito conduziu os estudos semióticos para as análises dos “estados de alma” do sujeito, para a então denominada semiótica das paixões e, mais recentemente, a semiótica tensiva preocupa-se com a gradação do sentido. Vale ressaltar que nenhum desses estudos anulou o modo como o percurso gerativo foi descrito, muito menos as maneiras de conversão de um nível para outro. Pelo contrário, cada um reforçou a consistência do modelo, quando aprofundou um dos níveis, ao decompor paixões em programas narrativos, ou revelou que há um espaço tensivo, nas passagens de um nível a outro.

Na orelha da tradução brasileira de “Razão e poética do sentido” (Zilberberg, 2006b), Tatit comenta que, se o modelo greimasiano se pautou em análises do discreto e do binário, dando atenção para a narratividade, ou seja, o fazer, a semiótica tensiva, por sua vez, abarca, em primeiro plano, o contínuo, o dinâmico, o gradual, cuja concentração dos estudos deu primazia ao ser. Por isso, foi possível estudar fenômenos discursivos até então não analisados. O modelo greimasiano, que antes considerava somente o tempo no nível discursivo, passa por uma mudança de foco, agora voltado para o nível profundo. Houve, dessa forma, uma temporalização do modelo greimasiano, relacionado somente ao plano de conteúdo, sendo que a abordagem tensiva insere o plano de expressão nos estudos.

Trata-se mesmo de mudança de perspectiva nos estudos da semiótica greimasiana. Não houve a criação de um paradigma novo. O que aconteceu, conforme alertam Fontanille e Zilberberg (2001) acerca do enfoque tensivo, foi o desenvolvimento de “[...] uma outra maneira de fazer semiótica que se desenha, mais do que um outro ‘paradigma’” (Fontanille&Zilberberg,

2001, p. 9).

A semiótica tensiva pode ser considerada um modelo mais detalhado para que se possam analisar as gradações do sentido. Diniz (2006, p. 1398) adverte que a semiótica tensiva é também uma maneira de medir a tensão e as sutilezas do devir do sujeito. O conceito de valência, com sua pressuposição da ambivalência do objeto e a instabilidade do sujeito, permite a apresentação de meios de abordagem das questões do sentido, não somente como uma representação, mas também na instância espaço-tempo mais ou menos tenso e extenso de uma presença. Como enuncia a autora, essa presença é

um pré-sentido (relações ambivalentes entre sujeito e mundo natural), motor de toda ação, que consiste em “tender para”, revelar a intencionalidade enunciativa, esse desejo de expressar o valor de um campo de presença num campo de significação (Diniz, 2006, p. 1398)

Dado que a semiótica greimasiana surgiu num período cuja vertente estruturalista se firmava no cenário das ciências, ela se fundou no descontínuo. Entretanto, com o desenvolvimento da semiótica tensiva, Fiorin (2008, p. 66) ressaltava que houve a incorporação da continuidade na teoria semiótica e exemplifica a verificação do ritmo de um texto como uma questão do contínuo. Tal verificação advém da análise do tempo e do espaço discursivizados textualmente. No prefácio de “Razão e poética do sentido” (Zilberberg, 2006b), Herman Parret comenta que “a tensão só pode proceder da instância da enunciação; a tensividade só pode ser a interface do tempo e do espaço”. O próprio Zilberberg (2006b) define a tensividade como a relação da intensidade – lugar do sensível – com a extensidade – o lugar do inteligível –, dos estados de alma com os estados de coisas.

No que se refere à sociosemiótica, sabe-se que a abordagem de seus estudos intenta traçar a captura do sentido enquanto dimensão provada do ser no mundo, o que equivale dizer estudar as condições de produção e apreensão do sentido em situação ou em ato. Considera-se, por conseguinte, o sentido construído no momento da interação entre os sujeitos enunciadore e enunciatários. O sujeito, portanto, é o ser que fala e que responde, que enuncia e que é enunciado.

Para Landowski (2001, p. 35, grifo do autor), a pesquisa semiótica da atualidade “se orienta cada vez mais explicitamente para a constituição de uma *semiótica da experiência*, em particular sob a forma de uma sociosemiótica”. O mesmo autor (1996, p. 28, grifo do autor) afirma que

Para a semiótica, [...] o sentido, noutras palavras, nunca é “dado”, jamais ele “está”

aí ou ali, de antemão, nem escondido sob as coisas visíveis [...]. Em vez disso, ele se constrói, se define e se apreende apenas “em situação” – no ato –, isto é, na singularidade das circunstâncias próprias a cada encontro específico entre o mundo e um sujeito dado, ou entre determinados sujeitos (Landowski, 1996, p. 28)

Portanto, caminha-se para a semiotização de práticas sociais, na tentativa de estudar sociossemioticamente os regimes de sentido em situação e suas transformações. Ainda de acordo com o referido autor (2001, p. 35), diante do intuito de captar o sentido enquanto dimensão provada de nosso ser no mundo e do desejo de assegurar um contato direto com o cotidiano, o social e o “vivido”, a semiotização das práticas sociais nos permite verificar como acontecem os regimes de sentido em situação e as suas transformações, ou seja, é possível construir/interpretar (leia-se: semiotizar) as formas de vida.

O Seminário de Semântica Geral na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* resultou um dossiê publicado na revista *Recherches sémiotiques. Semiotic inquiry*. Nessa ocasião, Greimas expôs a noção de forma de vida. As anotações feitas pelo semioticista lituano estão contidas no artigo denominado *Le beau geste*¹.

Greimas explica, em *Le beau geste* (Greimas, 1993a), a tentativa de abordagem do belo gesto, na sua forma e seus efeitos, como um objeto de análise autônoma. Inicialmente, Greimas (1993a, p. 21) relata que se deparou com a questão dos limites e da pertinência, porque entre o brio e o desprezo, entre o cinismo e a generosidade, entre a glória e a revolta, o belo gesto é um operador de transformação ética, quando ele participa de várias atitudes ou estilos de vidas opostas.

Para o semioticista lituano (1993a), o belo gesto inaugura ou recorda uma moralidade individual, e tem por base ou está em oposição a uma moralidade social. Então, de acordo com (Greimas, 1993a, p. 23), o belo gesto parece ser um método eficaz para se prestar atenção na maneira pela qual a moralidade individual pode ser engendrada a partir da moralidade social.

Tendo em vista as assertivas de Greimas, o belo gesto pode ser denominado como o que é diferente, ou também como

um acontecimento semiótico considerável que afeta a forma aspectual das condutas, seu fundamento axiológico e cria condições para uma nova enunciação, de tipo individual, graças à desfocalização (e à refocalização), graças ao fechamento inopinado de segmentos discursivos e à abertura de novos segmentos, e, enfim, graças à teatralização do coti-

iano e à solicitação do espectador (Greimas, 1993a, p. 31)

Greimas (1993a, p. 29) acrescenta que o enunciador-emissor expõe ao enunciatário a ruptura, a suspensão do uso estabelecido, a negação dos valores e a abertura do devir axiológico. A percepção de algo novo, de uma nova estesia vai atentar o enunciatário-espectador para o seu fazer interpretativo. Não fosse somente isso, supõe-se que “a própria emoção estética é [...] o elemento desencadeador do fazer interpretativo, o que significa dizer que a estetização de condutas é o meio pelo qual se torna sensível o momento em que novos valores são inventados” (Greimas, 1993a, p. 30).

Greimas (1993a, p. 30) esclarece que, se o ético diz respeito ao autor do belo gesto, a estética, por sua vez, refere-se ao observador-intérprete que, solicitado pela ruptura da troca, é submetido à surpresa, à admiração. Essa ruptura provoca uma mudança radical de um modo de se viver. Segundo (Greimas, 1993a, p. 32-33), o indivíduo encontra-se, de agora em diante, inscrito na perspectiva de uma nova ideologia, de uma nova concepção de vida, não somente de uma filosofia de vida, mas também de uma atitude do sujeito, um estilo de vida que corresponde a um comportamento esquematizável.

A ampliação e a redefinição da noção de “estilo de vida”, conforme aduz Greimas (1993a, p. 32-33), foi possível porque ele tomou emprestado de Wittgenstein a expressão “forma de vida”. Para Fontanille e Zilberberg (2001, p. 203), Wittgenstein (2005) utilizou o termo formas de vidas em “Investigações Filosóficas” para generalizar os “jogos de linguagem”. Os mesmos autores (2001, p. 203) ressaltam também que Wittgenstein previu a possibilidade de estabelecer a significação de uma expressão por meio de seu uso, sendo que esse uso pertence a um “jogo de linguagem”. Tal “jogo de linguagem”, por sua vez, pertence a uma forma de vida. Assim sendo, “o termo ‘jogo de linguagem’ deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (Wittgenstein apud Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 203, grifo do autor).

Segundo Greimas (1993a, p. 33), partindo do pensamento de Wittgenstein, uma forma de vida pode ser compreendida como a recorrência de comportamentos e do projeto de vida do sujeito, da sua permanência e da deformação coerente que ela induz a todos os níveis do percurso de individuação: nível sensível e tensivo, nível passional, nível axiológico, nível discursivo e aspectual.

Conforme aponta-nos Greimas (1993a, p. 33), se observarmos a sociedade a partir do conceito de forma de vida, quer dizer, como uma concepção de vida recorrente, fazemos uma análise da sociedade com base

¹As citações desse texto são tradução nossa (Greimas, 1993a).

na complexidade moral dos seres semióticos que a constituem. Ela não poderia, então, ser somente classificada em estratos sociais, em composições institucionais ou em razão de distribuições topológicas. Na visão do mestre lituano Greimas (1993a, p. 33), a sociedade, tal como se encontrava no século XIX, não deveria ser dividida em agrupamentos territoriais como nações, regiões etc., ou em instituições como a Igreja, o governo, os direitos comerciais etc., ou em classes sociais. Ao invés disso, a sociedade poderia ser instituída e compreendida

como um conjunto de seres semióticos que têm sua própria existência, transcendente em relação aos indivíduos, que não se relacionariam como “pessoas físicas”, e cujo entrelaçamento exprimiria a complexidade de nossas sociedades e das “pessoas morais” que as constituem (Greimas, 1993a, p. 33, grifo do autor)

Em *La parabole: une forme de vie*, Greimas (1993b) salienta que as atuais transformações de nossa sociedade ocasionam o questionamento de como compreendemos as maneiras com as quais nos organizamos socialmente. As pessoas utilizam critérios para se reconhecerem e se relacionarem entre si, tais como os agrupamentos territoriais, as instituições estáveis e as classes sociais, e esses critérios se desfiem e se diluem no disforme e no uniforme. Pelas formas de vida, há possibilidade de considerar a diversidade dos modos de sociabilidade dos homens, tendo em vista que os indivíduos, dispersos e solitários, participam de uma determinada filosofia de vida, de um modo de viver, de responder ao mundo que lhes rodeia. Isso significa que “as pessoas criam os ‘espíritos comunitários’ que lhes distinguem ou lhes unem” (Greimas, 1993b, p. 4, grifo do autor).

O termo forma de vida pode ser entendido como aquilo que dois grupos têm de partilhar para que suas linguagens possam ser mutuamente compreensíveis. Ainda mais, uma forma de vida é um modo de vida, um modo de fazer coisas, um estilo próprio e característico. Uma cultura, tanto em sentido antropológico quanto em sentido mais comum, pode ser considerada uma forma de vida. Se associarmos o termo formas de vida ao termo estilo de vida, também discorreremos sobre o modo de expressão de um determinado grupo no que concerne à concepção de sua existência por meio de seus hábitos, seus costumes, seu jeito de fazer, seu jeito de ser, seu modo de organizar o ambiente e a maneira de interação social dos membros constituintes desse grupo entre si mesmos e entre outros grupos sociais.

Fontanille e Zilberberg (2001, p. 213) entendem que uma forma de vida existe “[...] a partir do momento em que a práxis enunciativa aparece como intencional,

esquemalizável e estética, ou seja, preocupada com um plano da expressão que lhe seja peculiar”. Isso quer dizer falar das enunciações, cujas interpretações e discursivizações da manifestação de uma entidade discursiva e figurativa requerem a consideração do conjunto de seleções e adaptações utilizadas no percurso gerativo pelo uso.

Quanto à construção ou interpretação de uma forma de vida, Fontanille e Zilberberg (2001, p. 209) esclarecem que se trata de “focalizar, para o emissor, ou apreender, para o receptor, a estética, ou seja, o plano de expressão de um sistema de valores, tornado sensível graças à disposição coerente das esquematizações por uma enunciação”.

Cécilia W. Francis (2002, p. 144) também expõe que as formas de vida podem ser consideradas enunciações, na medida em que elas convocam às suas interpretações e suas colocações em discurso o conjunto das adaptações e seleções que se sucedem no percurso gerativo pelo uso, o que torna um ato de linguagem identificável. As formas de vida, para a autora (2002, p. 143), são inscrições ricas em significados de alteridade. Portanto, há que se considerar a vocação de desestabilização de normas e a criação de novos valores. As formas de vida reivindicam um plano de fundo sensível, tendo em vista que o sujeito não fundamenta seus valores após saber da axiologia, mas sim quando ele percebe seus objetos e suas situações.

Notamos, desse modo, que o objetivo da semiótica greimasiana não é considerar exclusivamente uma única forma de vida, mas sim as várias formas de vida que se originam da interação de sujeitos com objetos ou, então, de sujeitos uns com os outros no cotidiano. A semiótica greimasiana procede a estudos de práticas semióticas humanas, cujas estereotipias configuram formas de vida que possibilitam interpretar o fazer, o saber e o sentir que orientam os sujeitos em busca de sentido para suas vidas.

No momento em que a semiótica greimasiana se com as formas de vida, ela introduz em seu objeto de estudo as impressões que estremecem o sujeito, quando diante de outros sujeitos e de objetos que estão ao seu redor. Isso é o que lhe move para referendar ou modificar suas formas de vida e as regras que vão conduzir o vivido.

2. A “ficada”: acontecimento e rotina na forma de vida da adolescente descolada em “Atrevida”

Para analisar a reportagem de “Atrevida” que recebeu o título “Eu pego, mas não me apego”, consideramos os pressupostos teóricos tensivos acerca do acontecimento. Discutimos, então, como o enunciador con-

figurou o simulacro do ator “adolescente descolada”, no momento em que figurativizou uma forma atual de relacionamento: “a ficada”.

Nos séculos passados, como preconizava a práxis vigente, o namoro era bem diferente de hoje em dia, o rapaz podia se aproximar da moça somente após a devida autorização do pai dela e na presença de pessoas da família. O contato físico só acontecia após o casamento.

Atualmente, o modo como os jovens relacionam-se entre si reflete grandes mudanças comportamentais, pois foram deixadas para trás certas formalidades, o que tornou o namoro algo menos compromissado. Os adolescentes de agora não seguem exclusivamente a tradição romântica de se casarem com a “primeira paixão da vida” e estão dispostos a conhecer mais pessoas, relacionarem-se com várias delas, se possível, mas sem o compromisso de casamento.

Isso está retratado nessa reportagem de “Atrevida”, na qual verificamos que está presente a representação fotográfica da imagem de uma garota (ver Figura 1), que nos parece simbolizar a imagem do ator “adolescente descolada”.



Figura 1
Uma adolescente descolada?

O modo como o enunciador de “Atrevida” discursivizou em seu texto estratégias verbo-visuais possibilita-nos levantar os seguintes questionamentos: o lexema

/descolada/, nesse caso, pode ser entendido como sinônimo do termo moderna²? Há a veiculação da ideia de um comportamento que pareça transgressor e, por isso, pode ser caracterizado como um acontecimento? No entanto, estão presentes marcas textuais implícitas que possibilitam o resgate de um discurso que ronda o imaginário social, sendo que esse discurso se refere a um comportamento feminino tradicional e denota a caracterização de uma rotina?

A imagem da foto (ver Figura 1) pode ser relacionada com o simulacro do ator “Jéssica”, pois vemos no texto um enunciado verbal atribuído a esse ator: “Eu não espero o menino me ligar ou vir falar comigo no dia seguinte. Ainda mais na balada. Acho que o lance é curtir. Sei que não vou encontrar a minha alma gêmea numa danceteria”. O ator “Jéssica” cumpre o papel social de uma adolescente que vive nos dias atuais, no auge dos seus 15 (quinze) anos e que sente prazer em aproveitar bons momentos de diversão com os amigos, tais como ir ao cinema, ir ao clube, sair para dançar etc.

Também encontramos no texto o enunciado que funciona como *lead*³ da matéria: “Dá para beijar na boca, curtir e dispensar o gatinho numa boa. É só você saber o que realmente espera de uma ficada, antes mesmo do primeiro beijo. Sem drama!”. Chamou-nos a atenção o aparecimento do lexema /ficada/, de modo que verificamos como está construído o sentido para esse lexema, diante de tais indagações: que valoração é dada a ele? De que maneira tal figura corrobora a construção isotópica da forma de vida do simulacro do ator “adolescente descolada”?

Ainda nesse mesmo enunciado, encontramos a figura /beijar na boca/. Culturalmente, o beijo é considerado uma das representações humanas mais íntimas e significativas da demonstração de afeto por outra pessoa. Desse modo, para o imaginário social, o ato de beijar alguém está vinculado a um sentimento amoroso e sua prática é feita entre seres que desfrutem de um ato muito íntimo. Se a figura /beijar na boca/ está relacionada com a figura /ficada/, esta última não pode ser entendida como um tipo de relacionamento em que há intimidade entre a garota e o garoto. Uma “ficada” é um ato momentâneo, de modo que a garota e o garoto trocam beijos, mas talvez não se conheçam previamente. A figura /ficada/ pode, então, ser compreendida como a maneira de se relacionar furtivamente com alguém. Houaiss e Villar (2001) descreveram várias acepções para o termo ficar e, dentre elas, encontramos a acepção que significa “manter com

²O termo moderna deve ser aqui entendido como alguém “cujos valores, opiniões, comportamento etc. ainda não são aceitos pela maioria das pessoas numa sociedade” (Houaiss; Villar, 2001), ou seja, como o ser que cumpre o papel temático de quem tem ideias avançadas e está adiante de seu tempo.

³Dentre várias acepções encontradas para essa palavra no dicionário online *Wordreference*, o termo *lead*, originário da língua inglesa, pode significar o que vem em primeiro, na dianteira. As instâncias midiáticas tomaram-no emprestado, sendo que, nesse caso, o *lead* é o enunciado que aparece depois da manchete, mas antes do texto, contendo, geralmente, um resumo sobre a notícia, a reportagem ou a matéria.

(alguém) convívio de algumas horas, sem compromisso de estabilidade ou fidelidade amorosa”.

Em face da possibilidade de tal compreensão para a figura /ficada/, percebemos que o enunciador figurativizou-a com investimento semântico eufórico, pois estão presentes também as figuras /curtir/, /sem drama/ e /dispensar o gatinho/. Isso nos permite compreender que o enunciador discursivizou um aconselhamento a sua enunciatária, isto é, o enunciador adverte-a que ela pode beijar na boca um garoto, sem que seja necessário manter com ele um comprometimento afetivo.

Além disso, o enunciador fez referência às figuras /pego/ e /apego/ no enunciado “eu pego, mas não me apego”. No que concerne à figura /pego/, trata-se de uma figura que, por razões culturais, é comumente relacionada ao discurso de um adolescente do sexo masculino. Em se tratando do imaginário social da sociedade judaico-cristã, permite-se ao homem galantear várias mulheres e relacionar-se com várias delas. Isso é o que evidencia sua masculinidade. Então, a figura /pego/ encontra-se usualmente no campo discursivo do simulacro do ator “garoto”, o ser que cumpre o papel temático de quem pode beijar e abraçar uma garota durante uma noite, por exemplo, sem que isso signifique que os dois estejam comprometidos afetivamente, nem que ele deva a ela fidelidade amorosa.

Percebemos que, quando a figura /pego/ aparece no discurso proferido por um ator “garoto”, ela não causa sensação de espanto, ainda considerando as questões culturais que rondam o imaginário social judaico-cristão. No entanto, a presença dessa figura /pego/ em “Atrevida” pode causar uma sensação de estranhamento, tendo em vista seu público-alvo, que são adolescentes do sexo feminino, e seus textos, que são direcionados a esse público.

Pode-se pensar o motivo pelo qual está presente nesse campo discursivo a figura /pego/. Parece-nos que o enunciador age na tentativa de criar um efeito de sentido de que o enunciado “eu pego, mas não me apego” esteja sendo proferido pelo simulacro do ator “garoto”. Para isso, utiliza como estratégia discursiva a representação fotográfica da imagem do ator que cumpre o papel temático “garoto” e relatos de outros atores “garotas”. Nesses relatos, vemos elucidado o modo comportamental desses atores, no momento em que cumprem o papel temático dos seres que “ficam” com garotos nas baladas (leia-se: “pegam” garotos). Por esse motivo, é possível entendermos que o enunciado “eu pego, mas não me apego” é proferido pelo simulacro do ator “garoto”.

No que versa sobre a figura /apego/, seu entendimento pode ser relacionado com o sentido do termo afeição. Dentre as acepções elencadas por Houaiss e Villar (2001) para o termo apegar, encontramos o seguinte significado: “fazer sentir ou sentir apego;

afeiçoar-se”. Para o termo apego, os mesmos autores (2001) descrevem, como uma das acepções possíveis, o significado “ligação afetiva; afeição, estima”. Porém, no enunciado “eu pego, mas não me apego”, vemos a presença da figura /não/, de modo que essa figura contribui para a compreensão da negatividade do que entendemos quanto à figura /apego/. Questionamos se, pelo fato de receber o investimento semântico da figura /não/, o enunciado “não me apego” pode ser entendido como ausência de sentimento em relação ao outro.

No enunciado que funciona como *lead* da matéria, “Dá para beijar na boca, curtir e dispensar o gatinho numa boa. É só você saber o que realmente espera de uma ficada, antes mesmo do primeiro beijo. Sem drama!”, notamos a presença da figura /curtir/. Considerando o fato de que o tempo de duração de uma “ficada” é momentâneo, percebemos a veiculação do discurso do *carpe diem*, por meio da discursivização de um conselho à enunciatária, ou seja, algo do tipo: “curta o momento”, “aproveite o instante”. Portanto, a figura /curtir/ confere ao discurso um investimento semântico eufórico, de modo a anular a compreensão de uma disforia veiculada pela figura /não/ no enunciado “não me apego”.

Entendemos que o valor /curtição/ pode ser relacionado com uma sensação, o que significa experienciar significativamente algo que mobilize afetos e emoções. Desse modo, se compreendemos o termo emoção como algo que nos cause abalo afetivo ou moral, em face de uma agitação de sentimentos, não há ausência de sentimentos no ato de uma “ficada”. Apesar de ser um ato momentâneo, há sentimento em relação ao outro. A figura /ficada/ recebe no texto, então, um valor eufórico.

Vejam agora, segundo as dimensões da gramática tensiva, como se configura a “ficada”, no que se refere ao acontecimento.

O acontecimento tem sido estudado pela semiótica, pois verificou-se que ele também está relacionado com as questões do sentido. Greimas (2002), em “Da imperfeição”, reflete acerca da rotina, do hábito e da dessemantização em que o sujeito se encontra em seu cotidiano, mas que, por meio de uma fratura, de algo inesperado que se irrompe, esse mesmo sujeito percebe-se não só em conjunção, mas também em estado de fusão com seu objeto. O sujeito, enquanto imerso no contínuo da vida, ao agir de forma repetida, percebe suas ações já não serem mais portadoras de significado. São as fissuras que instauram o acontecimento estético e provocam o rompimento da dimensão cotidiana, sendo que isso interfere na atribuição de sentido.

Para o semioticista lituano (2002), o sentido se concretiza pela mudança de ritmo ou por uma oscilação construída na linearidade da linguagem. O estranho e

o inesperado, ao serem considerados como acontecimentos que estremecem a prática costumeira de uma vida em percurso, adentram, dessa forma, o campo de estudos da semiótica francesa.

O assunto também foi discutido posteriormente por Claude Zilberberg (2006a), com o advento da semiótica tensiva, que entende que a apreensão de um acontecimento se dá pelo sobrevir. A teoria zilberbergiana (2006a) acerca do acontecimento foi desenvolvida com base nos conceitos de intensidade e extensidade. Para Zilberberg (2006a), a tensividade é o lugar imaginário em que a intensidade, isto é, os estados de alma (o sensível), e a extensidade, ou seja, os estados de coisas (o inteligível) vão se unir uma a outra. Uma grandeza discursiva está imersa num espaço tensivo, caracterizado por meio da junção da intensidade com a extensidade.

Ainda de acordo com o pensamento de Zilberberg (2006a), a noção de intensidade pode ser relacionada com a noção de força, uma vez que seus efeitos podem ser sentidos e também medidos com base na sua subitaneidade, na sua precipitação e na sua energia. No que concerne à extensidade, trata-se da extensão do campo controlado pela intensidade. Porém, há aí uma ressalva: a extensão desse campo é antes de tudo temporal, mas há que se considerar o tempo discursivo como algo que está além do tempo humano. Então, com base no que enuncia Zilberberg (2006a), podemos dizer que, terminologicamente, a intensidade e a extensidade estão na posição de dimensões, enquanto as posições de subdimensões são assumidas pelo andamento e pela tonicidade, de um lado, e pela temporalidade e pela espacialidade, por outro lado.

A intensidade é concernente à dimensão do sensível e comporta o andamento e a tonicidade, ao passo que a dimensão do inteligível está relacionada com a extensidade, pois abarca os parâmetros da temporalidade e da espacialidade. Por isso, Zilberberg (2006a) afirmou que o acontecimento é designado por um sobrevir, o que quer dizer o sujeito ser surpreendido por algo inesperado. Há um súbito que desestabiliza e obriga o sujeito a lidar com índices altos de intensidade, tendo em vista o andamento extremamente acelerado com o qual o acontecimento se irrompe. Não fosse somente isso, há também um alto índice de tonicidade que marca o sujeito. Em outras palavras, para o referido semiótico (2006a), o acontecimento é conduzido por um andamento demasiadamente rápido para o sujeito e, assim, o sensível⁴ é levado à incandescência e o inteligível à nulidade.

Zilberberg (2006a) ainda considera que a intensidade está relacionada com a afetividade, sendo que a extensidade relaciona-se com a inteligibilidade. No momento em que se irrompe, o acontecimento propor-

ciona ao sujeito uma grande carga de afeto, a princípio, inexplicável, pois é mais sentido do que pensado. Todavia, a sensibilidade do acontecimento perde sua intensidade com o passar do tempo e, em proporção, ganha legibilidade.

Na dimensão do sensível (eixo da intensidade), a “ficada” tem um andamento extremamente rápido, pois é algo súbito, fugaz. Então, o actante “garota” sente-se tomado por uma incandescência momentânea. Quanto ao eixo da extensidade, percebemos que a duração do tempo é curta, de modo que o inteligível é levado à nulidade e o actante “garota” não percebe o momento. O actante “garota”, então, não percebe o afeto sentido naquele momento, diante da alta carga tímica contida nesse breve espaço de tempo.

Diante do que verificamos no texto dessa reportagem, percebemos que o enunciado “Dá para beijar na boca, curtir e dispensar o gatinho numa boa. É só você saber o que realmente espera de uma ficada, antes mesmo do primeiro beijo. Sem drama!” é atribuído ao enunciador. Nesse enunciado, vemos que está modalizado um /dever/, ou seja, o enunciador dirige-se à enunciatária manipulando-lhe o dever de entrar em conjunção com o objeto-valor /curtição/ por meio de um /saber/, isto é, ter o conhecimento de que a duração de uma “ficada” é fugaz e o sentimento tem duração apenas naquele momento.

Além disso, a presença do enunciado “Eu não espero o menino me ligar ou vir falar comigo no dia seguinte. Ainda mais na balada. Acho que o lance é curtir. Sei que não vou encontrar a minha alma gêmea numa danceteria” caracteriza uma estratégia da qual o enunciador faz uso, na tentativa de construir um efeito de sentido de proximidade com a enunciatária. A enunciatária sente que é possível se comportar da mesma forma que o ator “Jéssica”. Pelo fato de o enunciador incluir no seu texto o relato de um ator que simboliza uma garota, isso agrega ao texto um efeito de sentido de veracidade, o que contribui para que o enunciador manipule suas enunciatárias a crerem em seu discurso.

3. “Adolescente descolada”: na rotina, uma (nova) forma de vida em acontecimento?

O enunciador discursiviza em seu texto um programa narrativo que ensina as enunciatárias terem uma performance tal qual a do ator “Jéssica” e, assim, podem entrar em conjunção com seu objeto-valor. Isso influencia a credibilidade da enunciatária no discurso do enunciador.

Percebemos que o enunciador de “Atrevida” manip-

⁴Com interesse em operacionalizar o modelo semiótico, nos primórdios da semiótica greimasiana, dava-se ênfase ao inteligível. Contudo, em decorrência da evolução dos estudos greimasianos, outras questões vieram à tona. Então, a teoria foi reformulada, diante da necessidade da introdução do sensível, para abarcar os conteúdos passionais.

ula a enunciatária a crer em seu discurso, quando veicula a ideia de um comportamento que parece transgressor. O enunciado “eu pego, mas não me apego” funciona como uma estratégia discursiva que o enunciador utiliza para veicular a ideia de rompimento com certos hábitos considerados tradicionais para um ser que cumpre o papel temático da mulher. O enunciador age na tentativa de configurar a forma de vida do simulacro do ator “adolescente descolada”, atribuindo-lhe como objeto-valor /não casar/. Por isso, discursiviza a ideia de que a enunciatária deve querer curtir e não querer pensar em se casar, pois assim será considerada uma garota moderna, quer dizer, descolada.

Com base no que Greimas (2002) e Zilberberg (2006a, 2007) argumentam sobre o acontecimento, ao presumirem-no como algo inesperado que irrompe e surpreende o sujeito, abalando sua rotina de vida, percebemos que, na reportagem, o enunciado “eu pego, mas não me apego” funciona como um acontecimento, ou seja, como algo inesperado, estranho. Diante disso, o discurso do enunciador poderia ser considerado transgressor. Porém, o enunciado “sei que não vou encontrar minha alma gêmea na balada” nos traz de volta a uma rotina, pois nos permite resgatar o discurso do feminino que ronda o imaginário social, isto é, veicula o pensamento de que toda mulher deseja se casar. Compreendemos, então, que o discurso do enunciador pode ser considerado transgressor de normas padrões relativas ao comportamento de uma garota somente no nível da manifestação.

Encontramos no texto da reportagem figuras que costumeiramente fazem parte do campo de presença de um discurso do ser que cumpre o papel temático do homem. O enunciador faz uso dessa estratégia com o intuito de figurativizar uma forma de vida transgressora, que tem como objeto-valor o /rompimento de padrões comportamentais/. Dessa forma, manipula um fazer-crer no seu discurso, ao relacionar o lexema /moderna/ com o lexema /descolada/.

Se o lexema /descolado/ pode ser compreendido como aquilo que se distingue dos demais, isso possibilita-nos entender que o simulacro do ator “adolescente descolada” refere-se ao ser que se distingue do restante do seu grupo, ou seja, dos seres que cumprem o papel temático de adolescentes comuns. No entanto, percebemos uma marca textual implícita que denota a figurativização da forma de vida do simulacro do ator “adolescente comum”, o ser que cumpre o papel temático da menina romântica, cujo objeto-valor é /casamento/. Então, vemos que, no nível da imanência, está veiculado o discurso do comportamento feminino tradicional. ●

Referências

- Diniz, Maria Lúcia Vissoto Paiva. 2006. Telejornal: a hiperemoção em semiótica tensiva. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 53, p. 1395–1405. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/1395>>. Acesso em: 22 jul. 2010.
- Fiorin, José Luiz. 2008. Semiótica e Paixão. *Revista Eutomia*, v. 1 (2), 58–67.
- Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude. 2001. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas.
- Fontanille, Jacques. 2007. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto. Tradução de Jean Cristtus Portela.
- Francis, Cécilia Wiktorowicz. 2002. Énonciation, discours et stratégies identitaires. Une phénoménologie de l’altérité dans l’oeuvre de Leïla Sebbar. In: *Identités narratives: mémoire et perception*. Québec: Les presses de l’Université Laval. p. 128–151.
- Greimas, Algirdas Julien. 1993a. Le beau geste. *Recherches sémiotiques*, n. 13, p. 21–35.
- Greimas, Algirdas Julien. 1993b. La parabole: une forme de vie. In: *Le temps de la lecture*. Paris: Éditions du Cerf. Disponível em: <<http://biblesemiotique.com/documents/greimas%20la%20parabole.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2012. p. 381–387.
- Greimas, Algirdas Julien. 2002. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker Editores. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph. 2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto. Tradução de Alceu Dias Lima et al.
- Houaiss, Antônio; Villar, Mauro de Salles. 2001. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. CD-ROM.
- Landowski, Eric. 1996. Viagem às nascentes do sentido. In: *Corpo e sentido: a escuta do sensível*. São Paulo: Editora da UNESP. p. 21–43.
- Landowski, Eric. 2001. O olhar comprometido. *Revista Galáxia*, v. 1 (n. 2), p. 19–56. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1241/747>>. Acesso em: 14 set. 2008.
- Wittgenstein, Ludwig. 2005. *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes.
- Zilberberg, Claude. 2006a. *Éléments de grammaire tensiva*. Limoges: Pulim.

Zilberberg, Claude. 2006b. *Razão e poética do sentido*. São Paulo: EDUSP. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas.

Zilberberg, Claude. 2007. Louvando o acontecimento.

Revista Galáxia, v. 7 (n. 13), p. 13-28. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/viewFile/5619/5112>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

Dados para indexação em língua estrangeira

Raiz, Amanda Cristina Martins; Nascimento, Edna Maria Fernandes dos Santos

Événement et routine dans la figurativisation de la forme de vie de l' "ado branchée", présente dans la revue *Atrevida Estudos Semióticos*, vol. 8, n. 2 (2012)

ISSN 1980-4016

Abstract: D'après Greimas (2002), le sens se concrétise par le changement de rythme ou par une oscillation construite dans la linéarité du langage. L'étrange et l'imprévu, considérés comme des événements qui troublent la pratique habituelle d'une vie dans son parcours, entrent ainsi dans le domaine d'études de la sémiotique française. Le sujet a été discuté plus tard par Claude Zilberberg, avec la venue de la sémiotique tensive, pour qui l'appréhension d'un événement se donne dans le survenir. De plus, selon les observations de Greimas, pour la sémiotique, une forme de vie caractérise des manières par lesquelles les individus ressentent et expriment leur compréhension de l'existence à travers des façons de faire, d'être, d'organiser l'espace dans lequel ils vivent, etc. Devant ces présuppositions théoriques, nous analysons le reportage "Eu pego mas não me apego", publié dans *Atrevida*, une revue dirigée vers un public féminin dont la tranche d'âge est de 15 à 19 ans, et nous discutons la manière dont l'énonciateur a configuré le simulacre de l'acteur "ado branchée". Il en ressort que l'énonciateur a utilisé des stratégies verbales et qu'il met ainsi en discours l'idée d'un comportement qui paraît transgresseur au niveau de la manifestation, ce que l'on peut caractériser comme un événement. Cependant, on notera la présence de marques textuelles implicites qui rendent possible un discours qui se réfère au comportement féminin traditionnel et qui caractérise une routine.

Keywords: sémiotique tensive, routine et événement, "ado branchée", forme de vie, revue *Atrevida*

Como citar este artigo

Raiz, Amanda Cristina Martins; Nascimento, Edna Maria Fernandes dos Santos. Acontecimento e rotina na figurativização da forma de vida da "adolescente descolada", presente na revista "Atrevida". *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 8, Número 2, São Paulo, Novembro de 2012, p. 49-57. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 21/Setembro/2011

Data de sua aprovação: 12/Outubro/2012
